

A MODERNIZAÇÃO DA IMPRENSA INTEGRALISTA: O CASO DA REVISTA ANAUÊ! EM SEU PRIMEIRO ANO DE CIRCULAÇÃO (1935)

Por *Rodolfo Fiorucci*



Resumo: O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise geral do primeiro ano da revista Anauê!, com o intuito de entender qual o papel pretendido por esse periódico dentro da imprensa integralista, como também qual sua estratégia de ação no que concerne à doutrinação e cooptação de militantes.

Vista, aqui, como a principal revista da Ação Integralista Brasileira, Anauê! pode oferecer subsídios para compreender a maneira utilizada pelos camisas verdes para empregar um movimento de cunho fascista no Brasil dos anos 1930. Nela estão contidos elementos importantes que denunciam os alvos principais dos integralistas e a forma como abordavam tais questões, como, por exemplo, o comunismo, a democracia, o judaísmo etc.

Palavras-chave: revista Anauê!, integralismo, imprensa.

Title: The Modernization of Press Integralista: The Case of the Magazine Anauê! In His First Year Of Movement (1935)

Abstract: The present study aims to conduct a general analysis of the first year of the magazine Anauê!, In order to understand the role intended for this journal in the press fundamentalist, but also to determine its strategy of action regarding the appointment of indoctrination and militants.

Identified as the leading magazine of AIB, Anauê! can provide insight to understand the manner used by green shirts to employ an imprint fascist movement in Brazil in the 1930s. It contains important elements that betray the primary targets of the AIB and how it addressed issues such as, for example, communism, democracy, Judaism etc.

Key-words: Anauê! Magazine, integralism, press.

O jornalismo no Brasil do século XX foi marcado por transformações aceleradas, estimuladas por conjunturas políticas, movimentos de vanguarda, inovações tecnológicas, restrições do mercado externo etc. Nas primeiras décadas do século passado assistiu-se a tendência da imprensa em acompanhar o periodismo francês, consequência direta da belle époque tão aclamada por aqui. Caracterizado como jornalismo literário, trazia textos mais caudalosos e com mais profundidade, sem abandonar as temáticas políticas, tão caras à imprensa brasileira do século XIX.

Contando com alto índice de analfabetismo nas primeiras décadas, o Brasil lentamente começou a mudar esse quadro, já que uma das marcas da República Velha foi o estímulo ao letramento da população. Aliado a isto a entrada de recursos inovadores no mercado editorial, como a rotativa (cilindro contra cilindro), houve substancial aumento da capacidade de impressão no país, fosse de livros ou periódicos. Esse fator causou certa instabilidade no mercado jornalístico, já que quantidade maior de impressos circulando em meio a público leitor limitado, propiciou lançamentos e falências sucessivas de jornais e revistas.

Por conta desse público limitado, foi comum, também, circular muitas publicações que investiam no uso de recursos iconográficos (desenhos, charges, fotografias), já que o apelo à imagem era, em muitos casos, mais eficiente do que a escrita, visto que atingia maior número de pessoas. Na virada do século XIX para o XX, surgiram revistas de peso nessas características, como Kosmos (1904-1909), Dom Quixote (1895-1903), O Malho (1902), Careta (1908-1960) e Tico-Tico (1905-62).

Entretanto, a Primeira Guerra Mundial afetaria sobremaneira o mercado jornalístico brasileiro, tanto na forma como no conteúdo. O nacionalismo surgiu como tendência mundial, e por aqui não foi diferente, como denotou o lançamento da Revista do Brasil, comandada por Monteiro Lobato. Seria o período em que diversas revistas de vanguarda, ligadas ao movimento modernista nacional, circulariam uma após outra com o intuito de propor novas ideias acerca da brasilidade, com intuito de valorizar as raízes e bases do que consideravam de fato ser nacional. Eram periódicos de conteúdo mais complexo, direcionados a público seletivo e já iniciado nos meandros da leitura, da arte e da cultura.

Contudo, as inconstâncias políticas da mesma década – embates oligárquicos, tenentismo, coluna prestes, alianças contra a política do Café com leite – ofereceram

subsídios para o investimento mais acentuado em temáticas diversas aos dos periódicos de vanguarda. O golpe de 1930 e a tensão política proveniente disso recuperou o jornalismo político mais voltado para a formação da opinião pública e doutrinação da massa. A primeira década de Vargas no poder apresentou inúmeras oportunidades para que partidos e organizações políticas e ideológicas pululassem. E como não poderia deixar de ser, a imprensa se consubstanciou numa das principais ferramentas de luta.

Cabe lembrar que, embora a política fosse tema destaque, a imprensa criou mecanismos de atração do leitor, não se entregando apenas às discussões maçantes e teorizadas que, certamente, não cooptariam leitores diversificados. Não à toa o jornalismo de variedades ganhou espaço, investindo em seções múltiplas (moda, esporte, política, economia, literatura etc), abusando das possibilidades imagéticas propiciadas pelas novas tecnologias. Abriu-se, portanto, espaço para o surgimento de grandes empresas de comunicação, capazes de investimentos mais pesados num contexto de modernização e maior grau de exigência da população. O ícone maior foi o conglomerado jornalístico de Assis Chateaubriand, os Diários Associados, cuja revista mais importante foi O Cruzeiro, lançada em 1928, com claro objetivo político: colocar Getúlio Vargas no poder. Isto é, aliava modernização gráfica e jornalística com intencionalidades políticas. Já apresentava estilo mais americanizado, não seguindo o padrão francês.

Neste contexto é que a Ação Integralista Brasileira, movimento capitaneado por Plínio Salgado, lançará seu manifesto (outubro de 1932) e construirá uma forte organização política que, com o decreto do Estado Novo, em novembro de 1937, praticamente desaparecerá do cenário político. Não obstante, antes disso, a AIB formou um dos maiores movimentos de massa da primeira metade do século XX, contando muito com o suporte de uma imprensa própria, amplamente distribuída por todo território nacional.

Imprensa integralista ilustrada: Anauê!

Diversos trabalhos recentes tratam da imprensa integralista, o que denota a importância desse segmento para a ação política dos camisas verdes. No geral, até 1936 - o chamado ano verde para os integralistas, devido ao crescimento do partido e da

importante campanha eleitoral em prol da candidatura de Plínio Salgado e das eleições municipais -, não houve periódicos do sigma com grande repercussão nacional, já que eram em sua maioria dedicados à doutrinação do militante. Essa característica, que carregava textos muito panfletários e verticalizados, limitou a expansão do público leitor, que não se atraía pelo conteúdo direcionado.

De acordo com Pedro Fagundes, a imprensa integralista é marcada por duas fases gerais: 1) doutrinária – falar aos militantes e unificar e uniformizar o discurso; 2) partidária – com novas estratégias de ação, com o intuito não apenas de cooptar militantes, mas de angariar votos. Anauê! surge nesse contexto transitório entre uma e outra (janeiro de 1935), quando a AIB já começava a reavaliar sua postura antipartidária. Nesse momento, por conta de interesses maiores, não bastava uniformizar o discurso e o militante, mas possibilitar bom desempenho de Plínio Salgado no pleito eleitoral e aos candidatos do sigma nas eleições municipais.

Para isso, a revista lançou mão de aspectos até então incomuns nos periódicos da AIB, como abuso de fotografias, desenhos, textos mais leves, seções variadas etc. Entrava no mercado no segmento das revistas ilustradas, tentando acompanhar o sucesso de Cruzeiro, Fon-Fon e Careta. A intenção era atrair leitores diversificados, e os líderes do movimento sabiam que precisavam mudar a forma discursiva. Contudo, no seu primeiro ano a revista não apresentou os resultados esperados, marcada por diversos problemas administrativos e organizacionais. Em trabalho anterior demonstrou-se que não havia zelo apurado no feitio da revista, que apresentava muitos erros primários como, por exemplo, a primeira edição não contar com paginação numerada, ou datas divergentes do mês da publicação do mensário dentro do mesmo número, entre outras coisas.

Alguns fatores levam a pensar que Anauê! entrou no mercado sem ter programação bem estruturada, tanto do ponto de vista financeiro quanto organizacional. Seu primeiro diretor, Eurípedes Cardoso de Menezes, pastor luterano que posteriormente se converteria ao catolicismo, foi um dos grandes personagens das bandeiras integralistas que realizaram investidas doutrinárias no interior do Nordeste, tendo sua atuação mais marcante no ano de 1935, o mesmo de fundação da revista. Isto é, o próprio diretor por bom tempo não pôde acompanhar os afazeres cotidianos da redação. Tal fato indica que a administração coube, provavelmente, aos outros

dirigentes, como o gerente e o tesoureiro. E tudo leva a crer que o primeiro (Julio Lopes Guedes Pinto) tenha causado grandes danos financeiros à Anauê! em seus primeiros números.

Para constatação, cabe observar a primeira capa da revista, que se anunciava como ilustrada, mas surgiu sem muitas cores e bastante asséptica. Tendo em vista que a capa é o rosto da publicação, a apresentação simbólica, é sintomática a característica imagética pouco chamativa desta.

Não se pode deixar de mencionar, ademais, que o periódico se anunciou como mensal em todas as suas edições – com exceção de duas quinzenais –, mas durante o primeiro ano (janeiro a dezembro de 1935), apenas cinco números circularam, o que aponta a instabilidade interna. Em alguns momentos, como na 3ª edição, os diretores relataram problemas financeiros por conta de um golpe inesperado que haviam sofrido, porém, não se pode creditar somente a este fator os problemas gerais da publicação.

Afinal, quanto à publicidade, a revista não careceu de investidores, o que garantiu renda contínua. Apareceram em suas páginas, no ano de 1935, o total de 153 anunciantes, o que estabelece uma média de 30,6 por edição. Levando-se em conta que a revista contava com 64 páginas, chega-se a quase 50% de seu interior sustentando pelo menos uma propaganda.

Obviamente alguns fatores devem ser considerados, como os anúncios de produtos do próprio integralismo (no caso, principalmente livros), que somaram 43. Não foi possível descobrir se estes eram pagos, no entanto, ainda assim a quantidade de propagandas foi bastante razoável para o primeiro ano de um periódico instável e sem circulação padrão. Outra informação relevante é o tamanho que os anúncios ocupavam nas páginas, pois daí pode-se inferir se a publicidade teve papel crucial na manutenção do “mensário”.

Embora a maioria dos anúncios (60%) tenham ocupado 1/4 ou menos nas páginas, não deixa de ser relevante o montante total. Por outro lado, quase todos os anúncios apresentaram-se em preto e branco, com exceção de sete (cinco azuis e dois bicolores), o que leva a crer que o valor pago por cada veiculação publicitária não tenha sido tão alto em comparação com outras revistas do segmento, que apresentavam muitas propagandas coloridas.

Trata-se de perceber que, mesmo com estilos propagandísticos menos valorosos, a quantidade total foi relativamente alta, o que supõe o importante suporte financeiro propiciado por esse ramo. Assim, o golpe sofrido por Anauê! não pode ser responsabilizado pelos problemas recorrentes apresentados. Isto porque além dos anúncios em números expressivos, a revista deveria ser adquirida, obrigatoriamente, por todo núcleo integralista no país, o que já garantia um mínimo fixo de público. Destaque-se, também, que é bem provável que tenha circulado internacionalmente, pois em todo o primeiro ano apareceu diferenciado em seu expediente os valores para compras e assinaturas no exterior e no Brasil.

Por fim, é preciso mencionar as seções fixas de propagandas – que não estão contabilizadas na tabela acima -, como a “Anauê Apresenta”, que trazia diversos pequenos anúncios de profissionais liberais (advogados, médicos, dentistas, professores), em sua maioria ligados ao integralismo, e “Brasileiros!”, espaço dedicado exclusivamente aos Laboratórios Raul Leite, empresa assumidamente defensora dos ideais integralistas e do nacionalismo radical, cujo dono, o senhor Raul Leite, além de militante, foi figura de destaque da AIB, fazendo parte da Câmara dos 40, criada em 1936. O texto publicitário na revista acusa a linhagem ideológica da empresa:

Nenhum patriotismo mais concreto do que o patriotismo sadio e construtivo que consiste em dar preferencia aos bons produtos brasileiros evitando assim, o depauperamento do nosso Paiz com a evasão de ouro para o exterior. As industrias brasileiras não temem confronto com as seculares industrias dos paizes do velho mundo.

No ramo da indústria químico-farmacêutico-biológica, os LABORATORIOS RAUL LEITE são um expoente do progresso e aperfeiçoamento (...)

Procurar os bons produtos nacionais é o primeiro dever do patriotismo (...).

A veiculação de anúncios de profissionais e empresas simpatizantes ao integralismo era uma característica recorrente na imprensa do sigma, pois havia uma movimentação muito grande por parte dos dirigentes da AIB e dos militantes para sustentarem seus periódicos, ferramenta crucial para doutrinação empregada pelos líderes do sigma. Anauê! constantemente se valeu de palavras de ordem soltas pelas páginas, orientando os militantes a adquirirem-na, presentear um amigo (de preferência

não integralista ou comunista) com uma assinatura ou anunciar em suas páginas. O forte potencial manipulador e centralizador da figura do Chefe Nacional foi usado para coagir seus seguidores a contribuir com a manutenção da imprensa integralista, até mesmo com doações em dinheiro. Portanto, os integralistas se valeram de muitos meios para angariar recursos para suas publicações, o que explica de alguma forma a possibilidade de se manter uma revista ilustrada.

Outro fator que pode ter contribuído às finanças de Anauê! foi o pequeno número de funcionários fixos nas primeiras edições, o que aos poucos mudou, surgindo novas figuras e funções no expediente da revista, haja vista que a incapacidade administrativa era latente e a situação requeria mais funcionários. Em contrapartida, tudo leva a crer que não havia gastos com os autores dos textos e desenhos, já que no primeiro ano a variedade de nomes foi grande, sem muitas repetições pelas edições.

Foram elencados 66 colaboradores diferentes nos seus cinco primeiros números, com um total de 131 textos produzidos. Desse montante, 35 (26,1%) artigos não foram assinados, com provável autoria da própria redação. Restaram, portanto, 96 textos escritos para 66 pessoas diferentes.

Apenas 16 autores apresentaram mais de um artigo, a maioria sendo figuras de destaque nacional da AIB e que provavelmente não receberam pelas contribuições, pois emprestavam seus nomes à maior revista integralista com objetivos doutrinários. Quanto aos outros, por apresentarem apenas um artigo, é certo o não pagamento pelos trabalhos, até porque em alguns momentos a própria Anauê! agradeceu aos companheiros colaboradores.

Essas colocações se ancoram, pois, em situações e dados claros, levando-se em conta o padrão jornalístico da AIB e do próprio movimento, baseado no corporativismo e na doação integral pela causa. É sintomático que autores diversos não tenham sido colaboradores assíduos, o que indica a rotatividade de contribuições sem o peso da obrigatoriedade. Por exemplo, tanto não era fixo o quadro de autores que a maioria dos textos foi proveniente da própria redação e em seguida o maior colaborador foi o próprio chefe do movimento, Plínio Salgado, com seis textos, sendo metade deles extraídos de outras publicações, o que leva a pensar que na falta de trabalhos para preencher o interior de Anauê!, os dirigentes apelaram para a veiculação de escritos já conhecidos.

O terceiro colaborador em termos quantitativos foi o próprio diretor da revista, Eurípedes C. de Menezes, que totalizou quatro trabalhos. Com três cada um apareceram nomes de peso como de Gustavo Barroso, Miguel Reale, Orlando Ribeiro de Castro, Padre Mello, José Carlos Dias, Hollanda Loyola e Afonso Freire (que assumiu a secretaria da publicação na 5ª edição). Outros sete camisas verdes de renome assinaram dois textos cada e todo o resto apenas um. Com base nesses dados, parece claro que Anauê!, pelo menos no seu primeiro ano, contou com o empenho gratuito dos integralistas para poder chegar às bancas e aos núcleos da AIB por todo país.

Ciente da totalidade de textos cabe agora realizar o levantamento das temáticas abordadas nesse primeiro ano, o que pode ajudar a entender qual a função que a revista tentou cumprir no período.

Vê-se que textos exclusivamente doutrinários foram os mais expressivos em 1935, demonstrando que a publicação teve dificuldade em se desvencilhar das práticas jornalísticas integralistas até aquele momento. Embora tenha sido lançada com o intuito de inovar e propor nova face à imprensa do sigma, Anauê! não conseguiu levar a cabo tal propósito, ainda que o investimento em imagem tenha se destacado. A temática “Doutrina” comporta textos exclusivamente panfletários, que visavam manipular e orientar os comportamentos dos camisas verdes. Aí entraram assuntos relacionados ao nacionalismo, patriotismo, apologia ao Chefe Nacional e a personagens históricos, defesa da brasilidade indígena e sertaneja, pregação religiosa, encorajamento e cooptação de jovens etc.

Importa uma ressalva neste momento: todo o conteúdo da revista no primeiro ano foi fortemente doutrinário, sem exceções, no entanto, para visualizar melhor as estratégias de ação, optou-se aqui por identificar o assunto principal de cada texto. Isso ajuda a apontar como o mensário se valeu de questões múltiplas para empregar sua visão de mundo. Por isso, apenas os artigos abertamente orientados para a formação ideológica do militante foram alocados em “Doutrina”.

Na verdade, a leitura sistemática de Anauê! é maçante e cansativa, por conta de sua insistência em doutrinar. São textos enfeitados, panfletários, prolixos, que muitas vezes rodeiam questões diversas sem de fato apresentar algo palpável. Porém, observando-se com acuidade o conteúdo, foi possível estabelecer divisões temáticas. Talvez os únicos trabalhos que apresentaram algo mais foram os inseridos em “Criação

literária”. Ali, mesmo estampado nos versos e contos o ideal integralista, pôde-se apreciar esforços criativos em histórias de heroísmos dos soldados do sigma e em rimas metafóricas (em alguns caos) que não se mostraram tão explícitas como o padrão textual de todo o conteúdo restante. Como se observa a seguir, Alcides Thompson trata da oiticica para referenciar o homem forte do sertão:

*Sobranceira no meio da caatinga,
Que o sol opprime, abate, excita,
Em plena secca, quando nada vinga,
Verdeja a copa hercúlea da oiticica!*

*Aos furacões opõe a fronde rica,
Ella é o único oásis da restinga,
Ultima sombra onde o viajante fica,
Antes que todo seu vigor se extinga...*

*Que importa o excídio lúgubre do em torno,
A selva agonisante em estalidos,
Sob a oppressão do sol e do bochorno!*

*Pan deu-lhe a mesma consistência forte,
De suportar as secas e os gemidos,
Que deu ao povo do sertão do Norte!*

Vale destacar outras temáticas, como “Eventos integralistas” e “Nota social”. O primeiro se voltava para a divulgação de ações espalhadas por todo o território nacional, como Congressos, bandeiras de interiorização do sigma, obras assistencialistas, criação de novos núcleos e desfiles. Aí o foco era estimular a prática com exemplos concretos, fazer o militante admirar seus companheiros que se lançavam às obras da AIB, para que se sentissem entusiasmados e ao mesmo tempo pressionados, já que repetidamente a revista cobrava atitudes dos seus leitores. “Nota Social” apresentava situações que ocorriam com os militantes mais no âmbito particular, com destaque para casamentos, aniversários, nascimentos e falecimentos. Dessa forma, a revista, como muitas outras publicações integralistas, objetivava fazer o camisa verde sentir-se parte de algo, já que ele próprio era representado nacionalmente em suas páginas.

Ainda com base na tabela 2, o que pode causar estranhamento é o baixo número de textos que trataram do comunismo (6). Para um movimento que tinha como principal alvo de crítica a doutrina de Moscou, esse número baixo de artigos específicos só pode ser por conta da intenção assumida por Anauê! no quesito mercadológico. Objetivava ser uma publicação de variedades e ilustrada, retirando o peso ideológico de seu

interior. Como observado acima, não conseguiu cumprir esse papel, mas percebe-se em alguns detalhes que se esforçou para tanto, como no caso do comunismo.

Entretanto, isso não significa que o tema não foi tocado em outros momentos. É sabido que a dissolução doutrinária em temáticas diversas foi um subterfúgio empregado pelos dirigentes da revista, o que obrigou a verificação de mais alguns dados dentro das divisões de temas, mais especificamente o que se convencionou apontar como os pontos nevrálgicos do integralismo: liberalismo, materialismo, antissemitismo, comunismo e democracia. Além disso, houve a preocupação de se enumerar as críticas e/ou elogios ao presidente Getúlio Vargas, com intuito de identificar a posição da AIB quanto ao governo. Os dados podem ser verificados abaixo.

Sem causar espanto, os ataques ao comunismo e ao liberalismo e democracia foram os mais recorrentes, feitos de forma velada (pelo menos houve a tentativa para isso), diluídos em assuntos variados. Note-se, porém, que os números não são referentes à quantidade de artigos, mas sim de citações, já que em alguns textos houve abordagens de dois ou mais assuntos, como referenciado a seguir, quando o Padre Mello se lembrava dos mártires integralistas mortos em batalhas:

(...) Senhores da liberal democracia, senhores comunistas, o sangue dos nossos companheiros será o ferrête eterno de vossa incapacidade e da crueldade e cobardia dos processos rubros da Internacional Marxista.

Cantai, comunistas, o hino rubro e vingativo da vossa Internacional, que nós cantamos os acordes sublimes, majestosos e eternos do hino que imortalizou o gênio de Francisco Manoel!

Espalhai o terror, o sangue, e cantai a vingança; que nós espalhamos a ordem e a disciplina e cantamos a epopeia ciclópica das bandeiras e a insurreição majestática dos heróis de Guararapes.

Adorai Lenine: porque nós obedecemos a voz potente e brasileira de Plínio Salgado.

Sêde internacionalista; porque nós defendemos a todo transe os imperativos sociais da grande tradição brasileira (...).

Quanto à aversão ao que chamavam de materialismo, também não há novidade, a não ser o fato de aparecer pouco, o que pode ser explicado por se tratar de algo mais teórico, apresentado como o pano de fundo de comunistas e capitalistas, ambos ancorados na base material da sociedade. Anauê! procurava amenizar seu discurso, portanto não coube a ela muitas divagações aprofundadas e explicações teorizadas. Como já apontaram diversos trabalhos, os jornais e revistas integralistas dissolviam a

teoria dos livros de forma muito simples, evitando até mesmo entrar nessas discussões. O público mais amplo interessava atrair com uma linguagem mais acessível e atraente, função precípua de Anauê!

O antissemitismo também esteve presente nas cinco edições pesquisadas, ainda que sutilmente. Das seis abordagens elencadas, três foram de Gustavo Barroso, um dos líderes da AIB e antissemita declarado. Num artigo que tratou da fundação da Escola Livre de Sociologia e Política, alertou os brasileiros que à frente de tal instituição estavam judeus que objetivavam formar a mentalidade dos paulistas de acordo com os Protocolos de Sião, como Antonio Almeida Prado e Roberto Simonsen. Destacou que essa invasão no campo do ensino era a pior de todas, pois era pacífica e pouco perceptível. Por isso, ao final do texto, convoca os integralistas a reagir o mais breve possível.

Resta tratar das entradas ligadas a Vargas e ao fascismo. No primeiro caso, observou-se bastante cuidado dos autores com o assunto. Na verdade, em nenhum momento surgiu o nome do presidente nas páginas de Anauê! em seu primeiro ano de circulação, restringindo-se ao termo “governo” quando apareceu a crítica, bastante leve por sinal. Nesse ponto é preciso aprofundar, para não tecer comentários incautos, tarefa para outra oportunidade.

Por fim, ocorreram apenas duas menções ao fascismo, ambas na 2ª edição e de caráter elogioso. Leonídio Ribeiro comentou a valorização às mulheres e crianças na Itália fascista, apontando como crucial a formação dos pequenos para uma nação futura forte. Seu tom beirou à aclamação da política fascista, apontando-a, indiretamente, como uma via eficiente para a evolução brasileira. Já Arthur Accioly Ronald de Carvalho, brevemente citou Mussolini e sua política centralizadora como necessária para corrigir os infortúnios causados pela política liberal do pós-guerra. Seu foco principal era a questão econômica, não tendo o mesmo teor do artigo de Leonídio.

O último quesito a ser analisado, por ora, é a fotografia utilizada pela revista como recurso tanto lúdico como doutrinário. Por meio das imagens fotográficas Anauê! buscou seduzir o militante, atraindo-o às hostes integralistas. Nelas estavam contidos elementos de estímulo à ação, ideologização, inclusão e padronização. Realmente a reprodução de recortes isolados de fatos sociais, movimentos, congressos, personalidades etc funcionou como recurso principal do mensário.

Foram 180 fotografias isoladas e mais 48 montagens impressas nas páginas da publicação nas cinco primeiras edições. Somadas isoladamente apenas as imagens contidas nas montagens, chegou-se ao número 178. Isto é, observadas em separado, todas as fotos veiculadas, independente das alocações em montagens, resultaram em 358 fotografias ao todo no período estudado. Trata-se de uma média de 71,6 fotos por edição, mais de uma por página. Esses dados demonstram que realmente Anauê! investiu no caráter “ilustrado”, já que empenhou-se em representar imagetivamente todas as ações do movimento.

Destaca-se, no geral, a importância para a circulação de imagens das personalidades integralistas, a criação de novos e divulgação de núcleos, os desfiles e os eventos da AIB por todo o Brasil. Percebe-se o esforço em sempre (re)lembrar aos leitores as palavras dos líderes por meio da onipresença imagética dos mesmos, confluindo com a expansão do movimento representada nos inúmeros núcleos fundados e a celebração de tal desenvolvimento com a participação densa dos militantes e simpatizantes nos Congressos Integralistas.

As escolhas das fotografias não são inocentes, afinal, com o alto número de analfabetos ou semialfabetizados, nada mais eficiente que a iconografia para educar o olhar e influir no comportamento. Por meio das imagens padronizou-se toda a indumentária do militante (roupas, broches, brasões), os gestos oficiais de reverência ao Chefe e aos companheiros e as estratégias de ação da AIB. Todos podiam ver o movimento se disseminando e o formato/forma para a continuidade da expansão e participação dos interessados.

Dessa maneira, ainda que Anauê! não tenha conseguido executar suas intenções com refinamento no primeiro ano, não se pode negar o simbolismo de sua renovação dentro da estrutura de imprensa integralista. A revista marcou posição, num primeiro momento, muito mais pela novidade estratégica do que pela qualidade jornalística. Ela foi usada como laboratório de aperfeiçoamento e transformação das práticas de imprensa do sigma, contribuindo para a reconfiguração de vários periódicos do movimento.

Pairam incertezas sobre o impacto inicial de sua veiculação no mercado, especialmente em razão de sua circulação inconstante durante todo o ano de 1935, ficando difícil afirmar que conquistou amplo e fiel público leitor – com exceção dos

obrigados a adquirirem-na. No entanto, a despeito de todas as falhas praticadas e problemas de toda ordem enfrentados, Anauê! foi lançada com claros objetivos, perseguidos por todo o seu período de existência, tanto que, posteriormente, quando assumiu a direção Manoel Hasslocher (1937), ela se mostrou bem mais profissionalizada e organizada, podendo, de fato, ocupar lugar de destaque, principalmente nos meios integralistas. Enfim, seu primeiro ano foi conturbado e sua face ilustrada se restringiu ao fato de veicular imagens (fotografias principalmente), não se equiparando às congêneres do mercado, no entanto, cumpriu o papel de iniciar um processo de renovação em consonância com as novas posições políticas que a AIB adotou a partir de 1935.

Referências

BULHÕES, Tatiana da Silva. **“Evidências esmagadoras dos seus atos”:** fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). Niterói: UFF, 2007. (dissertação de mestrado)

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 103-130.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Páginas verdes: publicações da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Rio de Janeiro. In. GONÇALVES, Leandro P.; SIMÕES, Renata D. **Entre Tipos e Recortes: história da imprensa integralista**. Guaíba, RS: Sob Medida, 2011, p. 241-256.

FIORUCCI, Rodolfo. A revista Anauê! (1935-37) e sua organização dentro da estrutura de imprensa integralista. In. VICTOR, Rogério Lustosa. **À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil**. Goiânia: PUC-GO, 2011, p. 117-141.

LEAL, Carine de Souza. **Imprensa Integralista (1932-37): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (monografia)

LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação**. São Paulo: UNESP, 1999.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/FAPESP, 2003.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2009. (tese de doutorado)

SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclos de vida do jornal A Offensiva. In. GONÇALVES, Leandro P.; SIMÕES, Renata D. **Entre Tipos e Recortes: história da imprensa integralista**. Guaíba, RS: Sob Medida, 2011, p. 47-82.

Fonte

Revista Anauê! – números 1 a 5 (consultadas no Arquivo Público de Rio Claro-SP).